

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n3e26301>

Desafios contemporâneos na educação: a xenofobia e os seus impactos em docentes imigrantes na educação superior brasileira

Contemporary challenges in education: xenophobia and its impacts on immigrant faculty in Brazilian higher education

Desafíos contemporáneos en la educación: la xenofobia y sus impactos en docentes inmigrantes en la educación superior brasileña

Antonio Andretti Albuquerque da Costa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5113-466X>

Napiê Galvê Araújo Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7966-3311>

Resumo: Há, no mundo, hoje, um amplo espectro de movimentos e deslocamentos de pessoas em variados espaços da geografia mundial causado por inúmeros fatores e razões. Essa movimentação proporciona a interação entre diferentes povos e culturas que podem acarretar impactos positivos ou não, sendo que um desses impactos será tema neste estudo: a xenofobia no ambiente de educação brasileira. A xenofobia no ambiente educacional é um desafio relevante para a internacionalização da educação, e à integração de docentes e discentes imigrantes. A pesquisa objetiva analisar a percepção dos(as) docentes estrangeiros(as) sobre as manifestações xenofóbicas no ambiente da educação superior federal brasileira, identificando as principais formas de ocorrência desses atos, verificando quais os impactos implicados sobre o bem-estar desse dessas pessoas, além de analisar, a partir da visão do(a) professor(a) imigrante se as instituições dispõem de políticas/programas capazes de fomentar o respeito e a diversidade cultural. Para a metodologia utilizou-se do levantamento como procedimento técnico para a coleta dos dados. A pesquisa baseia-se na percepção de 205 docentes não brasileiros natos da rede federal de educação superior, cujo tratamento dos dados foi realizado por meio da análise de conteúdo. Os resultados deste estudo indicam que, de fato, ocorre a xenofobia contra o docente estrangeiro no ambiente da educação superior federal brasileira, desenvolvendo-se de diferentes formas, afetando diretamente o bem-estar e o desempenho profissional dos pesquisados. Além disso, na visão da maior parte dos participantes, as administrações das universidades não agem de maneira adequada para inibir a ocorrência de atos xenofóbicos.

Palavras-chave: xenofobia; docente estrangeiro; educação superior; internacionalização da educação; imigração docente.

Abstract: Today, the world witnesses a broad spectrum of movements and displacements of people across various global geographies, driven by numerous factors and reasons. This mobility fosters interactions between different peoples and cultures, which can lead to both positive and negative impacts. This study focuses on one such impact: xenophobia within the Brazilian educational environment. Xenophobia in educational settings poses a significant challenge to the internationalization of education and the integration of immigrant faculty and students. This research aims to analyze foreign faculty's perceptions of xenophobic manifestations in Brazilian federal higher education, identifying the main forms of occurrence, their impact on well-being, and whether institutions have policies/programs to promote respect and cultural diversity. The methodology employed a survey as the technical

1



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

procedure for data collection. The research is based on the perceptions of 205 non-native Brazilian faculty members in the federal higher education network, with data analysis conducted through content analysis. The results indicate that xenophobia indeed occurs among faculty in the Brazilian federal higher education environment, manifesting in various forms and directly affecting the well-being and professional performance of the respondents. Furthermore, most participants believe that university administrations do not adequately address xenophobic acts.

Keywords: xenophobia; foreign faculty; higher education; internationalization of education; faculty immigration.

Resumen: Hoy en día, el mundo es testigo de un amplio espectro de movimientos y desplazamientos de personas a través de diversas geografías globales, impulsados por numerosos factores y razones. Esta movilidad fomenta interacciones entre diferentes pueblos y culturas, lo que puede llevar a impactos tanto positivos como negativos. Este estudio se centra en uno de esos impactos: la xenofobia en el entorno educativo brasileño. La xenofobia en los entornos educativos representa un desafío significativo para la internacionalización de la educación y la integración de docentes y estudiantes inmigrantes. Esta investigación tiene como objetivo analizar las percepciones de los docentes extranjeros sobre las manifestaciones xenofóbicas en la educación superior federal brasileña, identificando las principales formas de ocurrencia, su impacto en el bienestar y si las instituciones cuentan con políticas/programas capaces de promover el respeto y la diversidad cultural. La metodología empleó una encuesta como procedimiento técnico para la recolección de datos. La investigación se basa en las percepciones de 205 docentes no brasileños nativos de la red federal de educación superior, y el tratamiento de los datos se realizó mediante análisis de contenido. Los resultados de este estudio indican que, de hecho, existe xenofobia docente en el entorno de la educación superior federal brasileña, manifestándose de diferentes formas y afectando directamente el bienestar y el desempeño profesional de los encuestados. Además, según la opinión de la mayoría de los participantes, las administraciones de las universidades no actúan de manera adecuada para inhibir la ocurrencia de actos xenofóbicos.

Palabras clave: xenofobia; docente extranjero; educación superior; internacionalización de la educación; inmigración docente.

1 Introdução

A migração de pessoas abrange um amplo espectro de movimentos e deslocamentos em diferentes espaços geográficos. Tal mobilidade é definida como o ato de se deslocar de uma região para outra com a intenção de se estabelecer, seja dentro do mesmo país ou através das fronteiras internacionais (Damarafi; Suwadono, 2022). Esse fenômeno pode ser encorajado por diversas razões, como conflitos políticos, conflitos militares, situações econômicas, mudanças climáticas ou pela busca de uma vida melhor, marcando-o como uma questão complexa em diversos países ao redor do globo (Kaleshi; Gripshi; Zhebo, 2022).

A complexidade da migração é amplamente reconhecida, pois envolve questões que frequentemente superam a capacidade de gestão dos países e exigem compreensão ampla de suas causas e consequências do seu aumento (Koumoutsakos, 2020). Esse movimento massivo global, motivado por razões diversas, pode gerar reações adversas nas populações locais, como a xenofobia, impulsionada por diferenças religiosas, étnicas, culturais e pela concorrência

econômica (Barberis; Costa; Castiglione, 2023). No Brasil, manifestações xenofóbicas ocorrem de diferentes formas, influenciadas por fatores históricos, sociais e políticos.

O aumento das manifestações de ódio anti-imigratório, principalmente em cidades fronteiriças com outros países, converteu a xenofobia em discurso oficial, que promove a intolerância contra as minorias e grupos em vulnerabilidade (Guizardi; Mardones 2020). Por abrangerem distintos contextos, os atos de xenofobia atingem também o espaço educacional em seus diferentes níveis, inclusive o superior. Nesse contexto, a exclusão do indivíduo passa a ser uma das formas principais nestes ambientes, o que acaba acarretando a dificuldade de integração, além de afetar a saúde emocional e mental desses e dessas imigrantes (Santos; Diana, 2018).

O estudo sobre a xenofobia docente no âmbito da educação superior é relevante, pois essas instituições são fragmentos da sociedade e refletem questões sociais mais extensas, incluindo a própria xenofobia, a qual pode impactar de modo significativo a coesão social e a inclusão (Mgogo; Osunkunle, 2023). Além disso, esse fenômeno contribui para um ciclo de violência escolar, enfatizando a necessidade urgente de levantar seus efeitos angustiantes sobre quem os sofre nos ambientes educacionais (Dube; Setlalentoa, 2024).

Adicionalmente, grande parte das pesquisas¹ sobre a xenofobia na seara educacional, independentemente do nível, no Brasil, está direcionada para o estudante (Kohatsu; Saito, 2022; Moraes; Campos; Cotrin, 2023; Fischmann, 2020). Na literatura internacional, também é possível encontrar estudos nesse sentido (Metin *et al.*, 2023; Mgogo; Osunkunle, 2023; Ngoben, 2022), restando, portanto, carência de pesquisas direcionadas aos docentes. Essa é a lacuna que esta pesquisa observou e busca ajudar a preencher na literatura ligada ao tema.

À vista disso, e considerando a supressão das fronteiras e a internacionalização da educação, este artigo busca analisar a percepção dos(as) docentes estrangeiros sobre as manifestações xenofóbicas no ambiente da educação superior federal brasileira, identificando as principais formas de ocorrência, verificando quais os impactos implicados sobre o bem-estar desse grupo de pessoas. Ademais, busca-se

¹ As pesquisas aqui mencionadas, efetuadas entre os meses de março de 2024 e janeiro de 2025, foram realizadas nas bases de dados científicas dos repositórios da SciELO, do Periódicos CAPES, do *Google Scholar*, do Oasisbr e da *Web of Science*. As buscas pelos trabalhos foram feitas a partir de operadores booleanos, além de uso de aspas nos termos de interesse.

também analisar, a partir da visão do(a) professor(a) estrangeiro(a), se as respectivas instituições dispõem de políticas ou programas que sejam capazes de fomentar o respeito e a diversidade cultural em seus ambientes. Almeja-se, portanto, contribuir no preenchimento dessa lacuna e, além disso, busca-se constatar como essas atitudes são capazes de influenciar os diversos aspectos da vida dos(as) professores(as).

2 A Xenofobia, suas manifestações no âmbito educacional e a internacionalização da educação

A xenofobia, que se caracteriza por um temor excessivo ou atitudes negativas em relação a pessoas estranhas ou estrangeiras (Peterie; Neil, 2020), revelou-se, no decorrer da história, de maneiras diferentes, sendo influenciada por diversos motivos, como fatores sociais, políticos e econômicos. Análises históricas denunciam que a xenofobia não é fato hodierno e sim parte sistemática da cronologia das sociedades (Baker, 2022). Na Grécia antiga, os estrangeiros foram vistos como uma ameaça à política estabelecida e um risco à ordem social. Já na Roma antiga, ela era alimentada por uma crença de que os estrangeiros seriam culturalmente inferiores (Alves, 2020).

A institucionalização moderna da xenofobia inicia-se com o Estado-nação, que discrimina com base pelo lugar de nascimento. O estrangeiro é, neste caso, banido de direito, explorado e submetido estruturalmente aos princípios de exceção (Rigouste, 2018). Aliado a isso, o avanço de forças políticas nacionalistas reforça essa discriminação, atacando liberdades e propondo a restrição de direitos das minorias, com discursos de ódio e manipulação demagógica. Esses grupos retratam o imigrante como ameaça à identidade cultural e aos empregos da população local (Castro, 2023).

Esse tipo de nacionalismo se repete nos diversos continentes, como mostra o estudo de Culpi, Mèrcher e Pereira (2021), para a América do Sul, que analisou a promoção das práticas de xenofobia proporcionada pelos governos da Argentina, a partir de 2015, e do Brasil, com acirramento mais explícito a partir do ano de 2019. O estudo de Costa e Vieira (2019), que trata sobre o nacionalismo e a xenofobia na União Europeia, concluiu que os discursos desumanizantes em relação aos habitantes do sul global, desde a época da criação dos Estados-nações coloniais permanecem ensejando a discriminação xenófoba ainda na contemporaneidade.

Os atos xenofóbicos surgem, literalmente, do medo daquele que é estranho, supostamente desconhecido e que no imaginário representa uma ameaça potencial, provocando reação irracional de aversão, intolerância e ódio (Kohatsu; Saito, 2022). A xenofobia atinge, porém, com maior intensidade, a determinados grupos de imigrantes ou pode estar relacionada, também, com alguma situação específica, como períodos de instabilidade global e/ou econômica (Chen; Trinh; Yang, 2020).

Isso ficou claro em tempos de crise como a COVID-19, que proporcionou a escalada da xenofobia e discriminação por raça, em particular contra pessoas asiáticas, evidenciando uma conexão histórica entre doença e xenofobia. A este exemplo, que trata de uma situação específica de instabilidade global/econômica, temos os estudos de Cheng (2020) e Rzymiski e Nowicki (2020), os quais mostraram que episódios xenófobos, não só contra pessoas de descendência chinesa, mas também de pessoas com origem asiática, sucederam-se em decorrência e com forte influência da pandemia do COVID-19 por sua rápida disseminação, sua relevância global e por ter surgido inicialmente na cidade chinesa de Wuhan.

Esses estudos são corroborados pelos resultados de uma pesquisa realizada em abril de 2020, a qual contou com a participação de mais de 1000 adultos americanos e que ajuda a compreender essa “culpa” atribuída aos chineses, já que os resultados mostraram que 44% dos respondentes mencionaram os chineses ou empresas chinesas como responsáveis pela pandemia do coronavírus (IPSOS, 2020). A mesma pesquisa mostrou, também, que um terço (32%) dos entrevistados e entrevistadas testemunhou alguém culpando pessoas simplesmente por serem asiáticas pela pandemia do coronavírus (IPSOS, 2020).

Um outro exemplo, desta vez ligado à questão econômico-financeira é a instabilidade observada na Venezuela, país que enfrenta uma crise econômica e humanitária que tem forçado a milhares de venezuelanos a migrarem para outros países, dentre os quais o Brasil. E esse relevante fluxo influenciou o crescimento do discurso à retórica xenófoba entre as autoridades roraimenses, inclusive com a Ação Civil Originária 3121, na qual o governo de Roraima solicita que o Supremo Tribunal Federal determine que a União cerre as fronteiras do Brasil com a Venezuela (Milesi; Coury; Rovey, 2018).

O continente Africano também enfrenta um processo migratório relevante na conjuntura atual em todo o mundo. Os migrantes daquele continente realizam suas

viagens se utilizando de variados meios, como botes, barcos em condições precárias e até mesmo infiltrados em navios sujeitos a condições insalubres. As imagens distribuídas pelos diversos meios de comunicação mostram esses migrantes e refugiados desesperados a tentar atravessar o mar mediterrâneo para a Europa, com explícito aumento desde 2014 (Williams, 2019).

Diversos são os fatores que culminam com a decisão de migrar do país de origem para outro país, ou até um novo continente. Para Patrício e Peixoto (2018) as determinantes no processo migratório africano são fatores que estão relacionados à desestabilização política, conflitos armados, perseguições étnicas e religiosas, além da precariedade social e econômica.

Muitos desses migrantes e refugiados dos diferentes continentes são crianças e jovens que acompanham seus familiares em busca de refúgios e melhores condições de vida. Nesse contexto, o ambiente educacional pode, em alguns casos, propiciar condições para ocorrência de atitudes xenófobas por parte dos locais. Alguns desses migrantes que se tornam estudantes em um novo país, ainda que não tenham sofrido discriminação explícita e aberta, podem conviver com o preconceito velado existente nos ambientes educacionais, de acordo com Kohatsu e Saito (2022).

Cabe aqui destacar que o Brasil tem tido destaque na América Latina em relação ao acolhimento dos imigrantes, sobretudo depois da promulgação da Lei nº 9.474/1997, que inseriu definições ampliadas de refúgio, inclusive para situações de violação de direitos humanos (Brasil, 1997). A referida Lei estabeleceu o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), que é responsável pelos pedidos de refúgios, além de coordenar as políticas de integração dessas pessoas (Moreira, 2020). A Lei de Migração brasileira (Lei nº13.445/2017) também visa aprimorar o acolhimento do estrangeiro, uma vez que ela amplia os direitos e garante a igualdade de tratamento entre nacionais e estrangeiros (Brasil, 2017).

Apesar dos esforços do país, a xenofobia no ambiente de ensino permanece um desafio relevante, afetando o bem-estar e a integração de alunos e docentes estrangeiros, especialmente os estereotipados pela mídia, o que contribui para essa percepção e atitudes discriminatórias para essas pessoas (Mgogo; Osunkunle, 2023). O controle dessas manifestações é dificultado pelo avanço global de discursos e políticas xenófobas, destacando a necessidade de educadores promoverem inclusão, justiça e equidade (Metin *et al.*, 2023).

Na sociedade brasileira, a xenofobia se manifesta em diversos contextos, inclusive no ambiente educacional. O estudo de Kohatsu e Saito (2022), com alunos bolivianos e brasileiros filhos de bolivianos do ensino fundamental e médio em escolas públicas de São Paulo, revelou agressões ligadas à nacionalidade e a traços físicos ao longo da trajetória escolar dos discentes. Embora as famílias imigrantes valorizem a educação, ainda enfrentam barreiras como dificuldades documentais para matrícula, falta de preparo docente para o trato com o aluno imigrante, racismo e xenofobia, especialmente contra crianças e adolescentes negros e negras, no ambiente escolar, ainda precisam ser tratadas e superadas (Ghiggi; Scalabrin, 2022).

O ambiente educacional, inclusive as universidades, que, de modo geral, deveriam ser de inclusão e acolhimento ao estrangeiro, não foge à regra no tocante a atos discriminatórios em função da nacionalidade. A xenofobia no contexto da educação superior também cria uma névoa de intolerância que afeta de forma negativa a experiência dos estrangeiros na comunidade acadêmica (Fischmann, 2020). Além disso, ela pode causar transtornos como ansiedade, depressão e outros problemas de ordem emocional, que comprometem a saúde mental e a qualidade de vida durante o período de vivência na academia (Mancebo, 2023).

A xenofobia na educação superior é um tema de diversas faces e que se manifesta em vários contextos globais, atingindo de maneira significativa os estudantes, os professores, o próprio ambiente acadêmico e as percepções sociais mais amplas (Mgogo; Osunkunle, 2023). No estudo realizado por Haft e Zhou (2021) com alunos sino-americanos da educação superior nos Estados Unidos sobre a relação da xenofobia com o advento da pandemia de COVID-19, os resultados mostraram que os alunos perceberam o aumento da discriminação a partir do início do período pandêmico, além da ampliação de sintomas de ansiedade. Na África do Sul, a maioria dos estudantes estrangeiros da Universidade de Joanesburgo tem percepções ou já vivenciou alguma experiência de xenofobia, dentre as quais a discriminação linguística e a exclusão social e acadêmica (Ngobeni, 2022).

Entretanto, o ambiente educacional também pode ser bem receptivo e apresentar um papel fundamental para proporcionar o acolhimento digno ao estrangeiro. De acordo com Moraes, Campos e Cotrin (2023), apesar de muitas dificuldades de adaptação do imigrante, as instituições de educação têm capacidade de serem bastante acolhedoras e que tanto os professores quanto os alunos

brasileiros e, fundamentalmente, os próprios colegas de mesma nacionalidade, têm papel fundamental para a recepção e a promoção de situações para a integração desses alunos na escola. A integração com outros alunos e professores possibilita aos imigrantes a capacidade de transmitir e receber conhecimentos, e isso serve como alicerce para proporcionar o seu desenvolvimento mútuo (Aita; Tuleski, 2017).

As interações sociais dentro das instituições de ensino podem influenciar as atitudes negativas em relação ao imigrante, porém, mais que a quantidade, a qualidade dessas interações sociais pode indicar a presença de atitudes xenofóbicas entre os membros da comunidade educacional, por isso, esse condão social se torna relevante para a promoção da compreensão e da empatia com pessoas de origem diferente (Bozdag, 2020). Ainda no estudo de Bozdag (2020), a qualidade do contato social explicou 43% das atitudes xenófobas dos membros da comunidade universitária, concluindo que a forma positiva desse contato social é altamente eficaz na diminuição do xenofobismo em relação aos imigrantes.

As instituições de ensino, em todos os níveis, devem atuar no combate à xenofobia, promovendo uma cultura de respeito, valorização da diversidade e formação de cidadãos conscientes e tolerantes (Oliveira; Horochovski, 2021). Essas políticas devem buscar criar um ambiente mais receptivo e inclusivo ao estrangeiro, oferecendo suporte emocional, social e linguístico (Fischmann, 2020). É essencial envolver a comunidade acadêmica, estimulando o diálogo e a reflexão sobre a diversidade cultural. Somente assim será possível construir um ambiente verdadeiramente inclusivo e internacional (Milesi; Coury; Rovey, 2018).

A promoção da cultura do respeito e a valorização da diversidade nas instituições de educação levantadas por Oliveira e Horochovski (2021) e o envolvimento de toda comunidade acadêmica sugerido por Milesi, Coury e Rovey (2018) são fatores primordiais e relevantes para o desenvolvimento da internacionalização universitária. Para Hatsek, Woicolesco e Rosso (2023), nós temos vivenciado (desde as últimas décadas) uma conjuntura marcada por transformações no campo da educação, as quais têm a capacidade de influenciar as políticas supranacionais, que compreendem o conjunto de direções, indicações e recomendações emitidas pelas organizações internacionais de educação (Hatsek; Woicolesco; Rosso, 2023).

A internacionalização do ensino superior é uma tendência transformadora e sofre influência de diversos fatores, dentre os quais estão os sociais, os culturais, os econômicos e os políticos, enfatizando os valores humanos e outras perspectivas para engrandecer a educação globalmente (Tran *et al.*, 2023). De acordo com Wit (2020), a internacionalização da educação do terceiro grau abrange a integração de dimensões globais na educação pós-secundária com o objetivo de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa, além das contribuições sociais, encaminhando-se na direção de uma abordagem mais ética e qualitativa.

A internacionalização é um processo de integração em duas dimensões: a dimensão internacional e a dimensão intercultural, sendo um meio para concepções mais amplas e densas relacionadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e ao alcance de uma cidadania global (Morosini, 2019). Já para Santos Filho (2020), o processo de internacionalização não pode ser entendido como um conjunto de forças independentes, pois ele compreende três dimensões, quais sejam: a internacional, a intercultural e a global, ou seja, significa que é uma relação triangular entre nações, culturas ou países.

Essa internacionalização tornou-se estratégica no ensino superior, refletindo o avanço da globalização no cenário mundial (Wit, 2019). Nesse contexto, o conhecimento é elemento essencial para o desenvolvimento sustentável dos países, e as instituições têm investido na superação de fronteiras nacionais, fortalecendo a cooperação e a produção entre seus países e mercados (Morosini; Corte, 2018).

3 Percorso Metodológico

Esta seção tem como objetivo apresentar a abordagem metodológica adotada neste estudo, enfatizando a caracterização da pesquisa e as técnicas que foram utilizadas para a coleta e para a análise dos dados. Além disso, serão destacados os participantes da pesquisa, proporcionando uma visão ampla do percurso metodológico empregado.

No que diz respeito aos objetivos, esta pesquisa é de natureza descritiva, pois busca retratar a percepção de docentes estrangeiros(as) sobre as manifestações xenofóbicas no ensino superior. Os estudos descritivos visam identificar as propriedades, as características e os traços relevantes de um fenômeno, descrevendo

tendências de grupos ou populações, com foco na coleta e mensuração de informações de forma isolada ou combinada (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Quanto à abordagem do problema, classifica-se como de caráter misto, pois possui uma perspectiva investigativa que combina a coleta de dados quantitativos e qualitativos, integrando ambos os tipos de dados e empregando diferentes desenhos que refletem pressupostos filosóficos e estruturas teóricas. A premissa fundamental dessa abordagem é que a combinação de dados qualitativos e quantitativos proporciona uma compreensão mais abrangente do que a obtida a partir de dados quantitativos ou qualitativos de forma isolada (Creswell; Creswell, 2021).

Essa pesquisa utilizou o levantamento como procedimento técnico, por permitir a coleta de dados sobre características, ações ou opiniões de um grupo de pessoas, por meio de questionários com escalas de mensuração. Esse método possibilita ao pesquisador interpretar, discutir e correlacionar estatisticamente os dados, oferecendo uma visão coletiva do comportamento do grupo e reunindo, portanto, aspectos das abordagens quantitativa e qualitativa (Michel, 2015).

No que diz respeito ao período da coleta de dados, a pesquisa é considerada de corte transversal, uma vez que os dados foram coletados em um ponto determinado do tempo, utilizando-se como base uma amostra aleatória, alcançando-se, desta forma, uma imagem pronta capaz de informar acerca da situação social do momento em que se coletaram os dados (Richardson, 2017). Quanto ao desenho, a presente pesquisa pode ser classificada como não experimental, pois observa os fenômenos da maneira como aconteceram dentro do contexto natural para posterior análise (Sampieri ; Collado; Lucio, 2013).

Os participantes da pesquisa foram os professores e professoras não brasileiros natos e que possuem vínculo com as instituições de ensino superior federais brasileiras com pelo menos 01 (um) ano de docência nas referidas universidades. Os dados primários foram coletados por meio de questionário misto, de perguntas abertas e fechadas com escala de Likert, na forma de Escala de Avaliação, com a utilização de formulários do *google*. De acordo com Symon (2012), por combinar questões abertas e fechadas, este tipo de questionário permite uma coleta de dados de forma mais abrangente e detalhada, assentindo uma análise qualitativa e quantitativa das informações.

O questionário foi submetido e devidamente aprovado por comitê de ética e pesquisa, conforme parecer consubstanciado no CAAE: 78203224.5.0000.5294, para, então, somente após consentido, ser encaminhado via e-mail institucional dos e das docentes e aplicado através dos formulários pela plataforma do *google*. O endereço eletrônico dos e das professores(as) foi solicitado diretamente para 69 universidades federais brasileiras por meio do *site* Fala.br, que é uma plataforma integrada de ouvidoria e acesso à informação do poder executivo federal. Algumas instituições de ensino, justificando-se na lei de proteção de dados, não forneceram os e-mails dos e das docentes, todavia, indicaram endereço eletrônico para onde o questionário deveria ser enviado para posterior compartilhamento junto ao público de interesse deste estudo. Desta forma, todas as 69 universidades e seus/suas docentes foram convidados e convidadas a contribuírem com esta pesquisa.

O roteiro de entrevista do questionário contou com 33 perguntas, sendo 23 delas fechadas e outras 10 questões abertas. Além disso, foi estruturado em seis blocos temáticos e contou com a resposta de 205 docentes. O bloco 1 abrangeu o perfil sociodemográfico e profissional dos respondentes (questões 1 a 6). O bloco 2 tratou das experiências de xenofobia vividas no Brasil (questões 7 a 11). O bloco 3 investigou os impactos pessoais e profissionais da xenofobia (questões 12 a 16), enquanto o bloco 4 explorou as possíveis causas e as percepções dos participantes sobre esse fenômeno (questões 17 a 21). O bloco 5 abordou as percepções individuais dos e das participantes em relação aos comportamentos institucional e da comunidade acadêmica em relação à xenofobia (questões 22 a 27).

O bloco 6 reuniu informações sobre as políticas institucionais e medidas de prevenção em relação à xenofobia no ambiente acadêmico (questões 28 a 32). Por fim, a questão 33 buscou captar a visão individual dos participantes sobre o nível de xenofobia desde sua chegada ao país, bem como identificar possíveis mudanças nessa percepção e os fatores aos quais atribuem tais alterações.

O tratamento dos dados qualitativos foi realizado por meio de análise de conteúdo, que é um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 47). As distintas fases para a análise de conteúdo, como a experimentação ou o inquérito

sociológico, organizam-se em três polos cronológicos, quais sejam: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2016).

Assim, a análise de conteúdo deste trabalho será realizada nos três polos sugeridos por Bardin, a saber: 1. pré-análise, é a fase de organização, na qual ocorre a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e os objetivos. Aqui, após a coleta dos dados, é realizada uma leitura flutuante, em que o pesquisador estabelece o contato com os documentos a analisar e de conhecimento do texto e, a partir da escolha dos materiais, constrói-se o corpus, com base nas regras de exaustividade, da representatividade, de homogeneidade e de pertinência; 2. A exploração do material, que consiste na sua essência em codificação e utilização do software Atlas TI para auxílio na análise qualitativa dos dados de textos, permitindo significar os dados não estruturados, sistematizando esses dados coletados nos questionários; para, por fim, 3. Tratar os dados obtidos e interpretá-los, considerando os resultados encontrados na pesquisa, podendo, então, propor inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos.

No tocante à análise quantitativa, optou-se pelo uso de estatística básica para analisar os dados coletados. Segundo Rodrigues, Lima e Barbosa (2017), o uso adequado da estatística básica reduz erros nas interpretações e conclusões dos estudos. A escolha por métodos simples visa oferecer uma visão clara do fenômeno observado, com análises compreensíveis e de fácil entendimento, mesmo para quem não tem formação em estatística avançada, sem comprometer a precisão dos resultados.

Ademais, a estatística básica, por sua simplicidade, facilita a replicação dos estudos – aspecto crucial para o avanço nesta temática. Os procedimentos estatísticos aplicados, como médias, modas e correlações simples, visam identificar tendências gerais e responder diretamente aos objetivos da pesquisa. Longe de comprometer o rigor científico, seu uso amplia a aplicabilidade e relevância dos resultados da pesquisa, gerando respostas claras aos problemas aqui estabelecidos.

4 Análise dos resultados

Nesta seção, dedicar-nos-emos à discussão dos resultados achados junto aos docentes não brasileiros natos, com ao menos um ano de trabalho e que atuam nas

universidades públicas federais brasileiras. Assim sendo, as respostas obtidas por meio da aplicação do questionário baseiam-se na experiência e nas percepções individuais de cada um/uma deles(as).

As informações da Tabela 1 trazem dados relevantes à pesquisa, como o perfil dos participantes e a distribuição e percepção das atitudes xenófobas pelas regiões brasileiras. Os discursos revelam a recorrência de atos semelhantes de xenofobia contra diferentes docentes estrangeiros, além da percepção desses professores e professoras os sobre fatores que influenciam o aumento ou a redução dessas ações.

O Brasil possui, de acordo com as informações prestadas pelas próprias universidades federais, via consulta pelo Fala.br, cerca de 2.800 docentes estrangeiros ligados às diversas instituições de ensino superior federais brasileiras e esta pesquisa obteve a participação de 205 professores e professoras, o que representa, aproximadamente, 7,32% da população total alvo do estudo. Os docentes que declararam ser do gênero masculino somam 130 pessoas (63,41%), enquanto 72 (35,12%) se definiram como do gênero feminino e 03 participantes optaram por não declarar o seu gênero, somando 1,47% do total dos respondentes.

Tabela 1 – Distribuição por gênero e respondentes por região

Região brasileira	Gênero indicado			Nº total de participantes por região	Tempo Médio aproximado na docência (anos)	Nº Participantes que sofreram xenofobia				% participantes que sofreram xenofobia
	Homem	Mulher	Não informado			Homem	Mulher	Não informado	Total	
NORTE	13	5		18	12.16	4	2		6	33.00%
NORDESTE	36	13	1	50	14.23	17	9	1	27	54.00%
CENTRO-OESTE	19	21		40	13.38	4	6		10	25.00%
SUDESTE	38	20	1	59	12.57	18	10	1	29	49.15%
SUL	24	13	1	38	13.64	9	5	1	15	39.47%
TOTAL	130	72	3	205	13.1	52	32	3	87	

Fonte: Os autores (2025).

A região sudeste, como mostra a tabela 1, acomoda a maior fatia na participação docente nesta pesquisa, sendo seguida pela região nordeste. A região norte é quem dispõe do menor número de professores(as) participantes e as regiões sul e centro-oeste estão na posição intermediária com o quantitativo de docentes bem aproximado entre elas. Em relação aos continentes, a América contribuiu com o maior número de respondentes da pesquisa, com 56,58%; o continente europeu apresentou 36,58%; e a África e a Ásia tiveram 2% cada uma, aproximadamente. Não houve

respondentes da Oceania e o número de pessoas que não informaram a sua nacionalidade ficou em torno de 2%. A Tabela 2 nos ajuda a visualizar com maior clareza esses números.

Tabela 2 – Perfil geográfico dos participantes por continente.

Continente de origem	Nº de nacionalidades diferentes	Total de participantes por continente	País com mais participantes	Percentual total na pesquisa
América	14	116	Colômbia (27)	56.58%
Europa	14	75	Portugal (20)	36.58%
Ásia	1	5	Japão (5)	2.44%
África	2	4	Senegal (3)	1.96%
Não informado		5		2.44%

Fonte: Os autores (2025).

Cerca de 42,43% (87) dos e das docentes que responderam ao questionário aplicado afirmaram que já experimentaram situações em que se sentiram alvo de xenofobia por parte de outros servidores (técnicos(as) ou professores(as)) ou de discentes da instituição de ensino em que estavam ligados ou ligadas. A xenofobia simbólica, incluindo as percepções, as atitudes e os comportamentos relacionados, é vivenciada pelos não nacionais nas instituições de ensino superior (Mgogo; Osunkunle, 2023).

Desse extrato, identificou-se que 32 eram mulheres, representando 36,78% do total daqueles que afirmaram ter sofrido algum tipo de situação xenófoba, enquanto os homens representaram 59,77%, ou 52 participantes. Os que não informaram ou não quiseram indicar o gênero somam 03 respondentes, ou 3,45% do total. As situações xenofóbicas que mais foram relatadas estão ligadas à língua, à ocupação de vaga que deveria ser efetivada por um brasileiro nato, a assédio moral e a questões fenotípicas, como é possível verificar nas respostas dos participantes abaixo:

Pediram para eu fazer fonoaudiologia para excluir meu sotaque (Entrevistado 03).

Alguns técnicos da universidade fizeram comentários agressivos sobre o meu sotaque, e isso me afetou (Entrevistado 128).

Colegas de profissão se manifestaram dizendo que assumindo a vaga de professor eu estaria tirando a vaga de um brasileiro e que achavam isso errado (Entrevistado 72).

Sinto xenofobia por parte dos discentes, servidores e colegas... no sentido porque como estrangeiro me encontro ocupando um cargo que devia ser para brasileiros (Entrevistado 94).

Os meus colegas professores (doutores) sentem-se no direito de me tratar como escravo e animal de carga para fazer tarefas (Entrevistado 89).

Fui comparada com pessoa do povo indígena pelas minhas características similares, mas não de uma maneira respeitosa, foi do tipo irônico e desagradável (Entrevistado 08).

Com base nas respostas coletadas a partir das experiências, há indicativo de que essas circunstâncias envolveram comentários ofensivos, piadas ofensivas e discriminação explícita, sugerindo que muitos dos participantes encaram a xenofobia de maneira aberta em seus locais de trabalho. Muitos reportaram problemas com relação ao sotaque, à língua e à estigmatização da pronúncia do português, indicando que as barreiras linguísticas são agentes relevantes nas experiências xenofóbicas.

Observou-se nas respostas um preconceito cultural, em que os docentes estereotipados, inclusive, sentiram que suas competências foram questionadas devido às suas origens, demonstrando que a xenofobia também pode se exteriorizar por meio dos estigmas culturais. Tudo isso acaba por tornar o ambiente hostil para essas pessoas, com relatos de sensação de isolamento por parte da comunidade acadêmica, o que tem potencial de gerar impacto negativo no ambiente de trabalho, no desempenho profissional e no bem-estar desses professores.

Nos formulários, cada participante relatou, com base em sua experiência real, a forma como lidou com as situações de xenofobia com as quais se deparou. Dentro dessa realidade, emergiram diferentes unidades de contexto, as quais mais se repetiram foram: sentimento de exclusão, impacto no desenvolvimento de atividades profissionais e influências psicológicas. Os trechos abaixo das respostas dos professores e professoras mostram como as experiências reforçaram o sentimento de exclusão:

A gente se sente excluída, sente que não pertence a um dado grupo e isso faz muito mal para nossa vida (Entrevistado 32).

Gera um sentimento de exclusão pelo simples fato de ter nascido em outro país diferente, a consequência é evitar participar de determinadas atividades na universidade (Entrevistado 165).

O sentimento de não ser aceito pelo simples fato de ter nacionalidade diferente traz muita tristeza e angústia para mim (Entrevistado 185).

Ânimo abalado, tristeza e solidão. Quando somos imigrantes e não temos por perto ninguém da família nem amigos de toda a vida, o sentimento de solidão se intensifica (Entrevistado 51).

Os docentes também relataram que os atos de xenofobia influenciam diretamente no desenvolvimento de suas tarefas laborais e na saúde mental. Exemplos dessas influências mais reportadas são evitar participar de atividades do próprio departamento, sensação de falta de relevância acadêmica, prejuízo para formação acadêmica dos discentes, além de ter afetado de forma negativa sua condição psicológica. A ansiedade e a depressão, geradas a partir de atos xenófobos, são adversidades que afetam diretamente a saúde mental e, conseqüentemente, o bem-estar do indivíduo durante sua vivência na universidade (Mancebo, 2023). Outros trechos das respostas dos participantes mostrados a seguir apresentam os sentimentos decorrentes das atitudes xenofóbicas.

Fiquei com medo de assistir às reuniões do colegiado, fiquei com insegurança sobre as minhas capacidades, é uma sensação de estar só, com pouca solidariedade de colegas, insegurança em relação ao estágio probatório e falta de concentração no preparo das aulas (Entrevistado 42).

Em reuniões de colegiado, por vezes, a minha opinião e experiência são descartadas, algo que nunca observei com outros colegas. Toda minha experiência foi ignorada em colegiado (Entrevistado 09).

Em muitas situações sinto que minhas colocações não estão sendo consideradas e valorizadas por alguns colegas e é uma sensação ruim (Entrevistado 105).

Afeta principalmente no desenvolvimento de pesquisa e na formação que deveria passar para os alunos (Entrevistado 142).

Ânimo baixo, muita tristeza influenciando na vontade de participar das atividades do departamento. Também influencia no trato com familiares (Entrevistado 204).

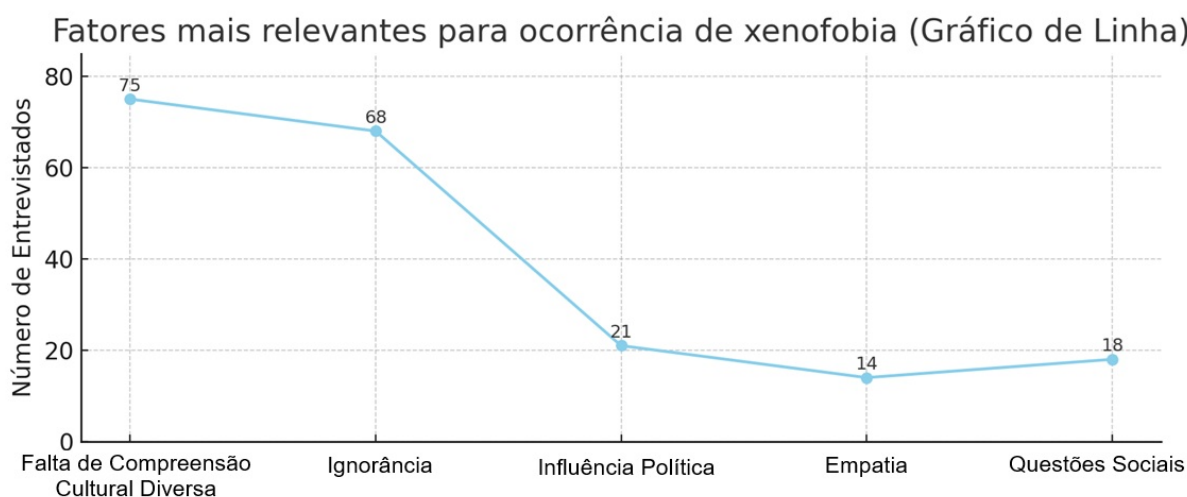
Nesse sentido, muitas respostas demonstraram significativo impacto emocional nos participantes, incluindo sentimentos de tristeza, desânimo e isolamento, afetando diretamente a confiança deles e delas e gerando, com base nas menções, falta de motivação e sentimento de desvalorização no trabalho. Algumas respostas fazem referência à falta de apoio por parte das instituições, fato que pode gerar o agravamento no impacto das experiências e expandir o sentimento de desamparo.

Quando questionados sobre o motivo impulsionador de ações degradantes como a xenofobia no ambiente da educação superior, a maior parte dos respondentes identificou a falta de compreensão cultural diversa como um fator determinante para as atitudes xenofóbicas. Outros fatores foram mencionados e incluíram ignorância, influências políticas e questões sociais, destacando a complexidade dos contextos nos quais a xenofobia se manifesta. Contudo, houve relatos de pessoas que

conseguiram lidar com as situações mencionando resiliência para superar essas adversidades.

Apesar de a grande maioria dos respondentes que reportaram xenofobia – cerca de 84% – relatarem que essas situações não colocaram em risco a sua integridade física, uma parcela de 13% expôs preocupação em relação a sua segurança pessoal, fato esse que deve ser levado em consideração, pois todos os tipos de agressões têm implicações negativas na vida das vítimas dentro do âmbito educacional, em alguns casos, inclusive, é necessária a busca por ajuda psicológica (Kohatsu; Saito, 2022).

Gráfico 1 – Fatores e agentes influenciadores para xenofobia.



Fonte: Os autores (2025).

Diante, pois, dos números apresentados no gráfico 1, sobre as influências para as práticas de xenofobismo, destacamos alguns relatos, em seguida, que corroboram o sentimento dos participantes e nos ajudam a compreender as suas percepções individuais que acabam se tornando ainda mais relevantes quando aglutinadas em um indicador. Cabe ressaltar, ainda, que 11 respondentes, ou 13% dos que afirmaram ter vivenciado a xenofobia, relataram que temeram que as ações xenofóbicas atravessassem as barreiras das hostilidades verbais e psicológicas e chegassem a agressões físicas de fato.

Pode ser a entrada maior de estrangeiros e a criação de entendimentos culturais diversos, compreensão de visão de mundo objetivamente diferentes que impõe ao povo brasileiro dificuldades que estão além das suas possibilidades (Entrevistado 22).

A xenofobia está em uma crescente, mas com viés étnico-racial e de classe social (Entrevistado 34).

A minha integração é maior porque conheço melhor a cultura local, mas reconheço que as questões culturais podem aumentar a xenofobia (Entrevistado 77).

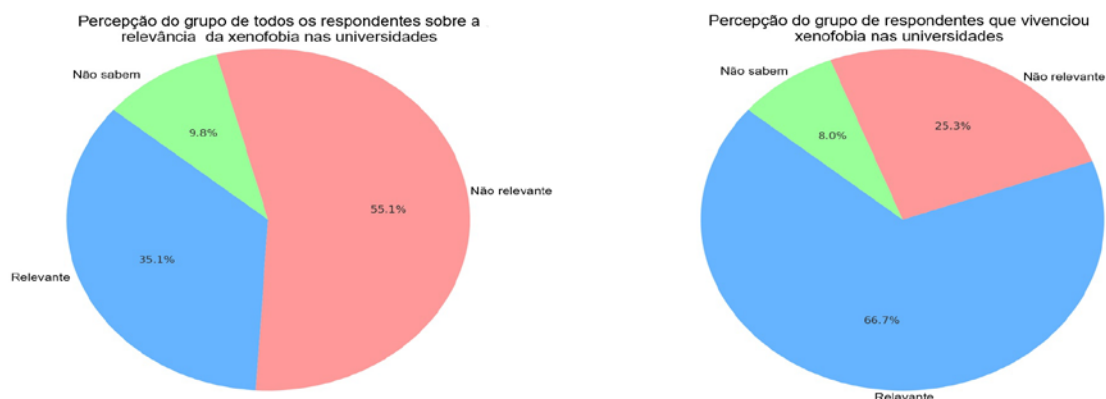
Vejo que a xenofobia aumentou. Talvez pela ignorância, condição social e ideologia política (Entrevistado 126).

Traçando um paralelo entre os fatores que contribuem para as atitudes xenofóbicas e as respostas subjetivas do questionário, a falta de compreensão cultural diversa, na visão desses(as) docentes, pode ser contornada a partir da educação e sensibilização da comunidade. Questões como a retórica nacionalista ou políticas de segregação consagradas nos discursos de líderes políticos estampam as respostas ligadas à influência política. Outro aspecto é a questão social, que é vista diretamente ligada pela competição por recursos ou empregos em contextos de escassez, e são explicitamente citados nas respostas do questionário.

Também foram abordadas questões relacionadas ao tratamento dado aos casos de xenofobia que se manifestam na academia. Em relação à importância que essa temática ocupa ou deveria ocupar nas universidades, mais da metade dos docentes (55%) acredita que o assunto não é relevante para o debate nas instituições. Nesta amostra, estão incluídos todos(as) os/as docentes, independente de terem vivenciado episódios xenófobos. Por outro lado, um terço dos respondentes totais (35%) defende que a questão deveria ser tratada com maior ênfase dentro do ambiente acadêmico para solução imediata e prevenção de atos futuros.

Essas percepções sofrem significativas alterações quando levados em consideração apenas os/as docentes que já experimentaram a xenofobia nas suas instituições. Para esse grupo específico de docentes, o tema tem relevância para 69% dos respondentes, por outro lado, cerca de um quinto, ou 20%, posiciona-se na afirmativa que não há relevância para o debate no âmbito acadêmico. O gráfico 2, que aparece na sequência, ajuda a compreender essas concepções tanto do grupo total de participantes da pesquisa, quanto da parte que informou ter passado por atitudes xenófobas.

Gráfico 2 – Percepção sobre a relevância da xenofobia nas universidades.



Fonte: Os autores (2025).

O questionário dispõe ainda de um bloco composto por perguntas fechadas, que tratam sobre a percepção dos docentes em relação ao comportamento da administração institucional diante das práticas xenofóbicas. As perguntas foram estruturadas em escala tipo Likert, sendo avaliada de 1 – 5, com as respectivas legendas em ordem decrescente: 1 - Sim, na maior parte das vezes; 2 - Sim, na menor parte das vezes; 3 - Neutro; 4 - Não, na menor parte das vezes; 5 - Não, na maior parte das vezes. A tabela 3 revela as percepções sobre o contexto e a possibilidade de programas de sensibilização para mitigação da xenofobia nas instituições de ensino superior federal do Brasil, segundo os participantes vítimas de atos xenofóbicos.

Tabela 3 – Percepção docente sobre ação institucional diante da xenofobia

Frequência Bruta em cada um dos pontos da escala								
Sentença	Grupo	Sim, na maior parte das vezes	Sim, na menor parte das vezes	Neutro	Não, na menor parte das vezes	Não, na maior parte das vezes	Top Two Box CT [1] e C[2]	Bottom Two Box DT [5] e D [4]
A administração da Universidade está ciente desse problema?		8.23%	7.06%	20.00%	10.59%	54.12%	15.29%	64.71%
A administração toma alguma atitude em relação a estas questões?		2.35%	7.05%	20.00%	8.25%	62.35%	9.40%	70.60%
A sua instituição possui políticas específicas para combater a xenofobia no ambiente acadêmico?		9.42%	4.70%	22.35%	9.42%	54.11%	14.12%	63.53%
Você acredita que é útil a implementação de programas de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre diversidade cultural?		80.00%	14.11%	4.71%	1.18%	0	94.11%	1.18%

Fonte: Os autores (2025).

Se avaliarmos o Bottom Two Box DT, da tabela 3, que representa o somatório dos que responderam a opção “Não, na menor parte das vezes” com a alternativa “Não, na maior parte das vezes”, verificamos que para mais de 64,71% dos afetados pela xenofobia a administração das universidades não tem conhecimento sobre os atos xenofóbicos dentro das instituições, e que para 70,60%, mesmo a administração sabendo das ocorrências, não há uma abordagem ativa para resolução dos fatos. Isso nos mostra uma preocupante desconexão entre a administração das universidades e a realidade a que estão submetidos e submetidas mais de 40% dos/das docentes imigrantes nas instituições de ensino superior federais brasileiras que participaram deste estudo.

A continuidade da análise do Bottom Two Box DT nos revela ainda que para 63,53% dos docentes as instituições não possuem políticas específicas voltadas para o combate da xenofobia nas universidades. Por outro lado, 94,11% dos participantes afirmam, conforme nos mostra o Top Two Box CT, que representam o somatório do “Sim, na maior parte das vezes” com o “Sim, na menor parte das vezes”, que a implementação dessas políticas/programas seria benéfica à sensibilização da comunidade acadêmica, visto que o respeito e o direito ao tratamento justo independem do lugar de origem.

Outro quesito levado aos docentes não brasileiros natos foi a questão sobre a hipótese de deixar o Brasil em decorrência de xenofobia experienciada dentro do ambiente acadêmico. As respostas indicaram que, embora 87 respondentes (cerca de 42,43% do total de participantes) tenham reportado experiências de xenofobia, os que consideraram deixar o país em virtude das situações xenofóbicas representam cerca de 15% (13 docentes), enquanto 85% (74) dos(as) professores(as) não cogitaram em momento algum sair do Brasil em consequência dos atos praticados contra si.

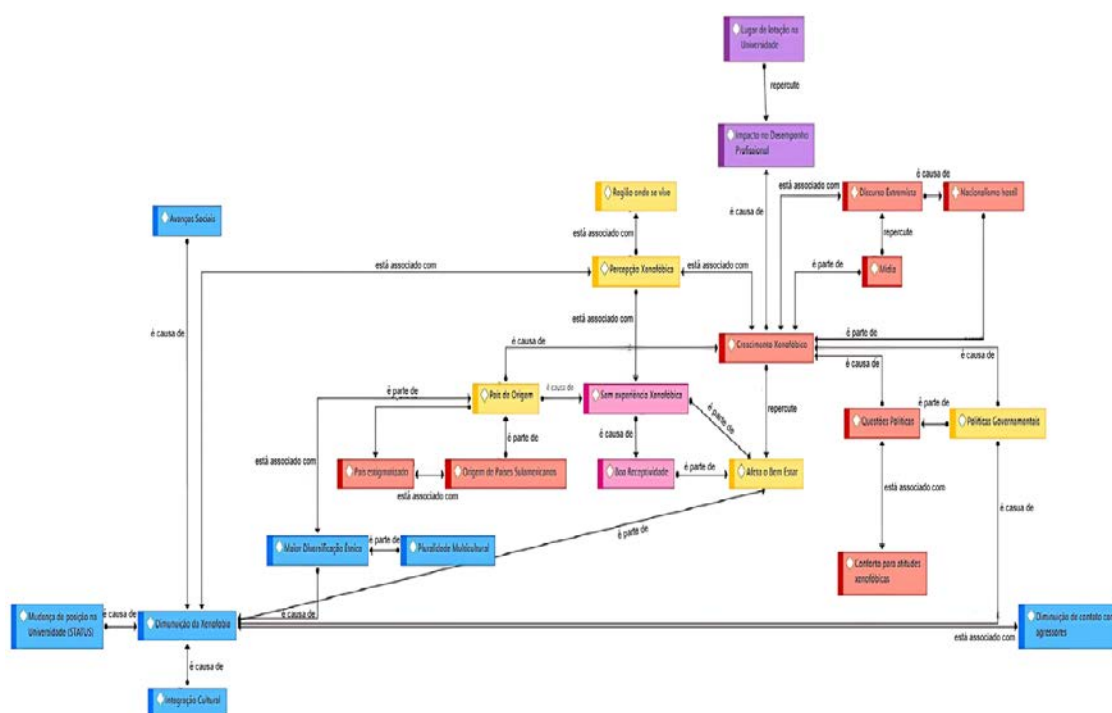
Por último, foi perguntado aos professores(as) participantes qual a percepção sobre o nível de xenofobia em relação ao tempo que estão no Brasil. Para 23,80% dos respondentes, com média de 21.7 anos de residência no Brasil, a resposta foi sim, que perceberam uma diminuição das atitudes xenofóbicas dos brasileiros. Entretanto, 36 professores(as), ou 17,56%, com 16 anos em média moradia no Brasil, afirmaram que não, a xenofobia não diminuiu, na verdade foi perceptível o aumento durante todo o período desde as suas chegadas ao Brasil. A maior parte do público-alvo da pesquisa, 58,64% dos docentes, com média de aproximadamente 20 anos de

residência no país, indicou que não houve mudança e que os casos de xenofobia mantiveram-se nos mesmos níveis, uma vez que a pergunta não se limitava à percepção pessoal de experimentação xenófoba, mas de todo o contexto acadêmico em que estavam inseridos.

Ao considerar apenas o grupo de docentes que relataram ter vivenciado experiências de xenofobia, observa-se uma percepção de crescimento tanto da perspectiva da redução quanto do aumento de comportamentos xenofóbicos. Nesse grupo, 35,7% perceberam uma diminuição da xenofobia — percentual superior aos 23,9% observados para todos os participantes, ou seja, 205 pessoas. Por outro lado, a percepção de aumento das ações xenofóbicas alcançou 35,7%, representando um crescimento superior a 100% em comparação com o percentual aferido considerando a amostra total dos partícipes (205 docentes), o que indica uma polarização nas percepções sobre a evolução do fenômeno.

Procedendo a análise de conteúdo dessa cognição docente sobre a evolução de xenofobia, a partir do software Atlas TI, imputou-se células a partir dessas respostas, das quais geramos uma rede semântica (Figura 1) que apresentamos a seguir.

Figura 1 – Rede semântica sobre a variação de atos de xenofobia



Fonte: Os autores baseados no *software* Atlas TI (2025).

A rede semântica exposta demonstra a percepção dos docentes acerca dos motivos que contribuem para a interpretação individual sobre a variação quantitativa de atos xenófobos. Nos discursos avaliados, verificou-se a repetição de palavras ou termos tidos como causadores tanto do aumento, quanto da redução da prática xenofóbica nas instituições. Neste sentido, relacionando essas respostas com os estudos que formaram a base teórica deste trabalho, percebe-se que os respondentes indicam quais as causas que concorrem para o aumento ou diminuição da xenofobia.

Na rede, as células vermelhas referem-se ao processo de aumento da xenofobia e interligam-se com as percepções mencionadas pelos respondentes, a saber: estigma de um país, origem de país sul-americano, questões de ideologias políticas que desencadeiam conforto para atitudes xenofóbicas, discurso extremista, nacionalismo hostil e a cobertura midiática, além da concorrência por vaga na universidade. Por outro lado, as células azuis aludem à percepção de atenuação da xenofobia, interligando-se entre si a partir dos discursos dos participantes, quais sejam: avanços sociais, mudança de posição na universidade (status), integração cultural local com a comunidade, maior diversificação étnica nas universidades, pluralidade multicultural e menos contato com agressores.

As células amarelas correspondem a questões ambíguas, ou seja, influencia tanto para o crescimento, quanto para a redução xenofóbica, a saber: a origem do imigrante, as políticas governamentais, a região do país em que se trabalha e vive, além da percepção do que é ou não considerado xenofobia subjetivamente por cada um dos respondentes, visto que situações iguais foram consideradas como xenófoba por uns e não consideradas por outros participantes da pesquisa. As células rosas estão ligadas a não experiência de atos xenofóbicos, a qual os participantes atrelam boa receptividade em decorrência do seu país de origem. Já as células roxas indicam que os respondentes acreditam que o lugar de lotação nas universidades também é um fator importante e que impacta no desempenho profissional tanto de maneira positiva, como de forma negativa.

As respostas subjetivas dos docentes, como as descrições apresentadas, também ajudam a compreender a percepção sobre o fenômeno da xenofobia:

Vejo no ambiente acadêmico brasileiro uma boa tolerância de estrangeiros. Sendo britânico não tenho tido experiência de xenofobia. Acredito que docentes de países como Peru, Chile, Bolívia etc., podem ter outros relatos (Entrevistado 02).

A xenofobia quanto ao fato de eu ser português está nos mesmos níveis que há 12 anos. Não notei mudança alguma" (Entrevistado 65).

Tem diminuído, melhorou o nível educacional (Entrevistado 62).

Mudou, existe mais compreensão e empatia, o povo brasileiro melhorou o acolhimento e respeito ao estrangeiro (Entrevistado 77).

Tenho a sensação que está aumentando e que pode vir a aumentar mais nos próximos anos com a polarização da política e os novos rumos sociais (Entrevistado 149).

Portanto, os participantes perceberam tanto uma diminuição como um aumento da xenofobia ao longo do tempo. Os que observaram a atenuação atribuem essa alteração ao crescimento da conscientização sobre a diversidade cultural e a melhora na educação sobre intercultura, dando-nos uma direção que ações de sensibilização podem ter um impacto positivo nesta relação. Já os participantes que captaram aumento xenofóbico ligam o avanço, com maior frequência, a fatores políticos, como o extremismo e ideologia nacionalista, indicando que o contexto político tem o poder de influenciar as atitudes sociais em relação aos imigrantes. Para Castro (2023), esses grupos políticos representam uma agressão direta à essência dos direitos humanos, aproveitando-se da grande quantidade de pessoas que se entregam aos braços de líderes messiânicos e autoritários.

Essas mudanças de percepções podem estar ligadas a fatores pessoais, como o tempo de residência no Brasil, a fluência na língua nativa e a integração social e cultural do ambiente. Percebeu-se, pelos relatos, que aqueles e aquelas que disseram dominar a língua portuguesa ou que se sentiam mais integrados na sociedade inclinaram-se a constatar menos atitudes xenofóbicas.

5 Considerações finais

O processo migratório é resultado de diversos fatores que forçam as pessoas a deixarem seu país natal para iniciar uma nova jornada em um lugar novo, com nova cultura, novos costumes e uma nova sociedade, que nem sempre está preparada e aberta a receber os não nacionais. Observado isso, o presente artigo buscou analisar essas relações, a partir das experiências de docentes não nacionais das universidades federais brasileiras para verificar a presença da xenofobia e, no caso de ocorrência, como esses eventos xenofóbicos afetam o desempenho profissional e o bem-estar desse grupo de pessoas.

Constatou-se nos resultados desta pesquisa diferenças nas experiências acadêmicas dos docentes imigrantes, com relatos de integração satisfatória, boa receptividade e a consequente não vivência de xenofobia. Todavia, um número expressivo de 87 (42,43%) participantes relataram situações xenofóbicas dentro das universidades federais, proporcionando reflexos negativos e significantes para o bem-estar emocional e o desempenho profissional dessas pessoas. Estes achados corroboram com os resultados das pesquisas de Fischman (2020) e Mgogo e Osunkunle (2023), os quais concluíram em seus estudos que a xenofobia tem poder de influenciar o bem-estar e afetar negativamente as experiências dos não nacionais na academia.

As vivências relatadas mostraram que as atitudes xenófobas se manifestam de maneiras distintas, por vezes, praticadas de maneira direta e, em outras, proferidas de maneira sutil e indireta, revelando-se desde comentários e piadas com a língua até a exclusão social e profissional. Esse tipo de atitude também foi constatado no estudo de Ngoben (2022) realizado com alunos imigrantes na Universidade de Joanesburgo, na África do Sul, que identificou que a maioria dos alunos estrangeiros daquela universidade experimentou a xenofobia, havendo relatos ligados a questões linguísticas e à exclusão social, dentre outros fatores.

A maior parte dos respondentes vítimas de xenofobia acredita que as administrações das universidades não estão cientes desse problema, e mesmo quando tomam ciência não agem de maneira adequada para resolução da situação. Além disso, dois terços afirmaram que as universidades não possuem políticas para combater esse tipo de atitude, mas que a implementação de programas de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre diversidade cultural é eficaz para a redução da xenofobia.

Considerando, então, as respostas dos participantes, os direcionamentos da pesquisa levaram à conclusão que, de fato, ocorre a xenofobia no ambiente da educação superior federal do Brasil, sendo vista como relevante para alguns participantes e menos importante para outros, mas, ainda assim, acometeu 87 respondentes (42,43%). Diversos relatos deixaram explícito que as consequências psicológicas, sociais e profissionais podem ser profundas, atingindo diretamente o bem-estar dos professores vítimas do preconceito xenofóbico. Os docentes também

identificaram a inexistência de políticas/programas que apoiem o fomento do respeito e da diversidade cultural nesses ambientes.

Dado os resultados, percebe-se a necessidade de ampliação nos estudos da xenofobia na educação brasileira em todos os seus níveis e com diferentes públicos-alvo, visto que não há tantos trabalhos com esta temática específica no Brasil. O aprofundamento poderá permitir compreender o fenômeno de forma mais ampliada, sendo possível, a partir dele, desenvolver soluções para mitigar a perpetuação da xenofobia na educação.

Portanto, a luta contra a xenofobia não pode ser tratada apenas como justiça social, mas também como uma perspectiva para engrandecer e desenvolver o ambiente da educação superior federal brasileira. Esse combate é uma oportunidade para estimular essa diversidade de pessoas e culturas, tornando o lugar da academia um espaço de inclusão, com concepções diversas, com a promoção da inovação e o desenvolvimento intelectual, beneficiando, assim, toda a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AITA, E. B.; TULESKI, S. C. O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Perspectivas em Diálogo**: revista de educação e sociedade, Naviraí, v. 4, n. 7, p. 97-111, jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195/3282>. Acesso em: 17 set. 2024.
- ALVES, M. M. Afro-reparação e educação superior: a práxis negra. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato *et al.* (org.). **O pensamento de Rodolfo Kusch**: movimentos seminais na América Profunda. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2019. p. 61-72. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/peabiru/wp-content/uploads/2020/07/O-pensamento-de-Rodolfo-Kusch-movimentos-seminais-na-Am%C3%A9rica-profunda.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BAKER, J. O. Of fear and strangers: a history of xenophobia. **Revista Ethnic and Racial Studies**, [s. l.], v. 46, n. 8, p. 1702-1705, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/01419870.2022.2098154>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2022.2098154>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- BARBERIS, N.; COSTA, S.; CASTIGLIONE, C. Xenophobia and Xenophilia, the Bright and Dark Sides of Attitude Towards Foreigners: a self-determination theory approach. **Psychological Reports**, [s. l.], v. 127, n. 5, p. 1-24, jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/00332941231152394>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/00332941231152394>. Acesso em: 7 set. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOZDAG, F. Xenophobia and social contact in university students. **International Journal of Education and Literacy Studies**, [s. l.], v. 8, n. 4, p. 87-97, out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7575/aiac.ijels.v.8n.4p.87>. Disponível em: <https://journals.aiac.org.au/index.php/IJELS/article/view/6335>. Acesso em: 11 out. 2024.
- BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 15829-15831, 23 jul. 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm. Acesso em: 24 maio 2025.
- BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1-20, 25 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 24 maio 2025.
- CASTRO, A. M. Populismo nacionalista, inmigración y xenofobia. **Cuadernos Electrónicos de Filosofía del Derecho**, [s. l.], n. 49, p. 447-460, jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.7203/CEFD.49.26201>. Disponível em: <https://turia.uv.es/index.php/CEFD/article/view/26201/pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.
- CHEN, H. A.; TRINH, J.; YANG G. P. Anti-Asian sentiment in the United States - COVID-19 and history. **The American Journal of Surgery**, [s. l.], v. 3, p. 556-557, set. 2020. DOI:

<https://doi.org/10.1016/j.amjsurg.2020.05.020>. Disponível em:
<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7229717/pdf/main.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

CHENG, S. O. Xenophobia due to the coronavirus outbreak - A letter to the editor in response to "the socio-economic implications of the coronavirus pandemic (COVID-19): a review". **Int J Surg.**, London, v. 79, p. 13-14, maio, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijsu.2020.04.018>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7214337/pdf/main.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

COSTA, V. V. da.; VIEIRA, L. K. Nacionalismo, xenofobia e União Europeia: barreiras à livre circulação de pessoas e ameaças ao futuro do bloco europeu. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 64, n. 3, p. 133-160, set./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v64i3.65536>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/65536/40429>. Acesso em: 21 dez. 2024.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, D. C. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CULPI, L. A.; MÈRCHER, L.; PEREIRA, A. E. Argentina e Brasil no alinhamento das práticas de xenofobia: uma investigação dos governos Macri e Bolsonaro. **Revista Conjuntura Global**, Paraná, v. 10, n. especial, p. 1-19, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v10i0.82466>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/82466/45410>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DAMARAFI, G. R.; SUWANDONO, D. Pengaruh migran terhadap perubahan guna lahan di wilayah Desa Bandungrejo, Kecamatan Mranggen, Kabupaten Demak. **Teknik PWK-Perencanaan Wilayah Kota**, [s. l.], v. 11, n. 3 p. 191-196, ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.14710/tpwk.2022.29616>. Disponível em: <https://ejournal3.undip.ac.id/index.php/pwk/article/view/29616/27560>. Acesso em: 14 dez. 2024.

DUBE, B.; SETLALENTOA, W. Mas não sabemos de nada, nascemos nessa situação: experiências de alunos que enfrentam a xenofobia na África do Sul. **Ciências da Educação**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 297-308, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/educsci14030297>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2227-7102/14/3/297>. Acesso em: 25 out. 2024.

FISCHMANN, R. Acesso ao ensino superior, xenofobia e racismo: fenótipos, estereótipos e pertencimento nacional. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, [s. l.], v. 12, n. 27, p. 320-345, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/985>. Acesso em: 12 jan. 2025.

GHIGGI, G.; SCALABRIN, C. A. Revisão de Literatura: crianças migrantes e refugiadas nas pesquisas em Educação Infantil (1988-2021). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 60, n. 63, p. 1-24, jan./mar. 2022. DOI: [10.21680/1981-1802.2022v60n63ID28781](https://doi.org/10.21680/1981-1802.2022v60n63ID28781). Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/28781/15962>. Acesso em: 18 out. 2024.

GUIZARDI, M. L.; MARDONES, P. Las configuraciones locales de ódio: discursos antimigratorios y prácticas xenofóbicas en Foz de Iguazú, Brasil. **Estudios Fronterizos**, Mexicali, v. 21, n. 45, p. 1-24, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21670/ref.2003045>. Disponível em: <https://ref.uabc.mx/ojs/index.php/ref/article/view/840>. Acesso em: 14 nov. 2023.

HAFT, S.; ZHOU, Q. Um surto de xenofobia: discriminação e ansiedade percebidas em estudantes universitários sino-americanos antes e durante a pandemia de COVID-19. **Revista Internacional de Psicologia**, Guatemala, v. 56, n. 4, p. 522- 531, jan. 2021. DOI: [10.1002/ijop.12740](https://doi.org/10.1002/ijop.12740). Disponível em: <https://sci-hub.se/10.1002/ijop.12740>. Acesso em: 2 set. 2024.

HATSEK, D. J. R.; WOICOLESCO, V. G.; ROSSO, G. P. Internacionalização na educação básica: um estado do conhecimento. **Eventos Pedagógicos**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 70-90, jan./maio, 2023. DOI: [10.30681/2236-3165](https://doi.org/10.30681/2236-3165). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10998>. Acesso em: 13 jan. 2025.

IPSOS. **New center for public integrity/Ipsos poll finds most Americans say the Coronavirus pandemic is a natural disaster**. Washington, DC: IPSOS, 28 apr. 2020. Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2020-04/topline-center-for-public-integrity-042820.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

KALESHI, E.; GRIPSHI, Z.; ZHEBO, E. Migration vs. potential migration: why do Albanians have a great desire to migrate? **Interdisciplinary journal of research and development**, [s. l.], v. 9, n. 1, mar. 2022. DOI: [10.56345/ijrdv9n1s107](https://doi.org/10.56345/ijrdv9n1s107). Disponível em: <https://www.journal-uamd.org/index.php/IJRD/article/view/163/125>. Acesso em: 10 set. 2024.

KOHATSU, L. N.; SAITO, G. K. Xenofobia na escola pública: a perspectiva dos estudantes do Ensino Médio. **Revista Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 21, n. 1, mar. 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue1-fulltext-2554>. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242022000100137. Acesso em: 12 dez. 2024.

KOUMOUTSAKOS, G. Migration: a European question in need of urgent answers. **European View**, [s. l.], v. 19, n. 1, jun./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1781685820915970>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1781685820915970>. Acesso em: 10 set. 2024.

MANCEBO, D. Educação superior no Brasil (2013-2021): austericídio, neoconservadorismo e filiação sindical. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 227-239, 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/qmed.v15i2.55171>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/55171>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MILESI, R.; COURRY, P.; ROVERY, J. Migração venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 53-70, ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/83376>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MGOGO, Q.; OSUNKUNLE, O. Students' perceptions of the influence of media on perpetuating xenophobia in South African universities. **The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa**, [s. l.], v. 19, n. 1, fev. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4102/td.v19i1.1218>. Disponível em: <https://td-sa.net/index.php/td/article/view/1218/2307>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2015.

MORAES, N. A. de; CAMPOS, M. A.; COTRIN, J. T. D. Inserção de haitianos na Educação Básica em Mato Grosso: percepção de gestores, professores e estudantes. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 48, n. 1, p. 1-24, jan./dez., 2023. DOI:

<https://doi.org/10.5902/1984644466500>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/66500>. Acesso em: 22 set. 2024.

MOREIRA, J. B. Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, DF, v. 53, n. 1, p. 111-129, 2010.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292010000100006>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/rbpi/a/4Hd4sbq45CnrH6dyZ4DXnVs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2025.

MOROSINI, M. C. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre:

EdiPUCRS, 2019. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/livro/1383/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G. D. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, [s. l.], v. 56, n. 47, p. 97-120, jan./mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2018v56n47ID14000>.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14000>. Acesso em: 13 nov. 2024.

NGOBENI, M. Narratives of xenophobia at a South African University, **Communicatio**, [s. l.], v. 48, n. 3, p. 43-60, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/02500167.2022.2143835>.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02500167.2022.2143835>.

Acesso em: 26 out. 2024.

OLIVEIRA, V. S.; HOROCHOVSKI, R. R. A política pública de ação afirmativa da educação superior indígena na Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob o olhar de uma secretaria executiva. **Revista Expectativa**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2021. DOI:

<https://doi.org/10.48075/revex.v20i4.22879>. Disponível em:

<https://saber.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/22879>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PATRÍCIO, G. V.; PEIXOTO, J. Migração forçada na África Subsaariana: alguns subsídios sobre os refugiados em Moçambique. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [s. l.], v. 26, n. 54, p. 11-30, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/10.1590/1980-85852503880005402>. Disponível em:

<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1085>. Acesso em: 11 nov. 2024.

PETERIE, M.; NEIL, D. Xenofobia em relação aos requerentes de asilo: uma pesquisa de teorias sociais. **Jornal de Sociologia**, [s. l.], v. 56, n. 1, p. 23-35, mar. 2020. DOI:

<https://doi.org/10.1177/1440783319882526>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1440783319882526>. Acesso em: 27 maio 2025.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RIGOUSTE, M. Purificar o território: a luta anti-imigratória como laboratório securitário (1968-1974). **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 952-968, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/34241>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rdp/a/BfRKw88ggRzSyyk6Qg9P8tK/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2024.

RODRIGUES, C. F. de S.; LIMA, F. J. C. de; BARBOSA, F. T. Importância do uso adequado da estatística básica nas pesquisas clínicas. **Revista brasileira de anestesiologia**, [s. l.], v. 67, n. 6, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bjan.2017.01.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0034709417300673?via%3Dihub>. Acesso em: 30 abr. 2025.

RZYMSKI, P.; NOWICKI, M. COVID-19-related prejudice toward Asian medical students: a consequence of SARS-CoV-2 fears in Poland. **J Infect Public Health**, [s. l.], v. 6, n. 13, p. 873-876, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jiph.2020.04.013>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1876034120304627?via%3Dihub>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. P.; DIANA, G. M. A. O perfil racial nos quadros da administração pública no Brasil: um primeiro balanço dos efeitos da reserva de vagas para negros em uma organização de segurança pública. **Revista do Serviço Público**. Brasília, DF, v. 69, n. 4, p. 275-302, out./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.21874/rsp.v69i4>. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/1466/2063>. Acesso em: 14 dez. 2024.

SANTOS FILHO, J. C. dos. Internacionalização da Educação Superior: redefinições, justificativas e estratégias. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [s. l.], v. 25, n. 53, p. 11-34, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1383>. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1383>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SYMON, G. **Questionnaires**: design and use. [S. l.]: Routledge, 2012.

TRAN, M. T.; JUNG J.; UNANGST, L.; MARSHALL, Stephen. New developments in internationalization of higher education. **Higher Education Research & Development**, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 1033-1045, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/07294360.2023.2216062>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07294360.2023.2216062?needAccess=true&role=button>. Acesso em: 17 nov. 2024.

WILLIAMS, W. Atravessando fronteiras: a crise dos deslocados em África e as suas implicações para a segurança. **Centro África de estudos estratégicos**, Washington, DC, v. 8, out. 2019. Disponível em: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/02/ARP8PT-Atravessando-fronteiras-A-crise-dos-deslocados-em-Africa-e-as-suas-implicacoes-para-a-seguranca.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2025.

WIT, H. Internationalization in higher education, a critical review. **Educational Review**, Burnaby, v. 12, n. 3, p. 9-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21810/sfuerv.v12i3.1036>. Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuerv/article/%20view/1036>. Acesso em: 5 out. 2024.

WIT, H. O futuro da internacionalização do ensino superior em contextos globais desafiadores. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 3, p. 538-545, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v22i3.8659471>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8659471>. Acesso em: 13 out. 2024.

YILDIZ, M.; YILDIRIM, M. S.; ELKOCA, A.; VAROL, E.; AYDIN, M.; DEGE, G. Investigation of the relationship between xenophobic attitude and intercultural sensitivity level in health education students. **Journal of Transcultural Nursing**, [s. l.], v. 34, n. 3, p. 238-246, mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/10436596231158136>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/10436596231158136?download=true>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Recebido em janeiro 2025 | Aprovado em abril 2025

MINI BIOGRAFIA

Antonio Andretti Albuquerque da Costa

Mestrando em Administração Pública pela rede PROFAP/ Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), com especialização em Administração Pública pela Universidade Cândido Mendes, bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal Rural do Semiárido.

E-mail: antonio.costa97226@alunos.ufersa.edu.br

Napiê Galvê Araújo Silva

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade do Estado do Ceará (UECE). Professor Adjunto IV da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA) e Coordenador do Grupo de Pesquisa de Estudos Econômicos em Desenvolvimento e Inovação - GEEDI - UFERSA.

E-mail: pie@ufersa.edu.br